

## O BRINCAR DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

**SANTOS, Helena Garcia dos<sup>1</sup>; FALKENBACH, Atos Prinz<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Centro Universitário Metodista IPA – Porto Alegre/RS – [helenagfisio@hotmail.com](mailto:helenagfisio@hotmail.com)

<sup>2</sup>Centro Universitário Metodista IPA – Porto Alegre/RS

### INTRODUÇÃO

A temática do estudo está relacionada à inclusão e permite uma aproximação ao conhecimento da deficiência visual, do brincar e da relação entre as crianças protagonistas do estudo e os demais.

O brincar é um importante fator no desenvolvimento infantil, contribuindo na constituição social, motora, afetiva e cognitiva da criança, é através da brincadeira que a criança recria situações e aprende a solucionar problemas, desenvolve a capacidade imaginativa, adquire comportamento voluntário, desenvolve habilidades físicas, supre necessidades e apropria-se do mundo que a cerca. Para Kishimoto (2002), o ato de brincar privilegia a liberdade de escolha e ação da criança, ele dá alegria, liberdade, contentamento, descanso externo e interno, paz com o mundo.

Tendo consciência de que se aprende do nascimento até a morte e que essa ação pode ser efetivada por meio de diferentes maneiras, principalmente frente a métodos lúdicos, optei por desenvolver a temática, uma vez que a atividade lúdica é de extremo valor para crianças com deficiência visual, pois estas, freqüentemente, vivenciam situações frustradas no desempenho de diferentes tarefas cotidianas.

A criança com deficiência visual encontra na falta de informação por este canal perceptivo uma profunda dificuldade em adquirir, aperfeiçoar e ultrapassar habilidades motoras, posturais e locomotoras devido à ausência de modelos e/ou estímulos, podendo comprometer o desenvolvimento global infantil.

De acordo com Hoffmann (1998) essa dificuldade e comprometimento podem ser acentuados se a eles associarem-se fatores que vão desde a superproteção até a existência de obstáculos ambientais e a carência de um processo interventivo adequado, conduzindo-se, assim, a criança com deficiência visual a assumir, de forma gradativa, cumulativa, uma postura de dependência ao outro.

O interesse em pesquisar tal assunto justifica-se não só por possibilitar a identificação das características peculiares de crianças com deficiência visual e desta maneira permitir melhores condições de vida, mas também pela possibilidade de fornecer diretrizes aos profissionais multidisciplinares no seu cotidiano, facilitando a assistência a esta parcela da população.

O objetivo desta pesquisa consiste em investigar o brincar realizado por crianças com deficiência visual nos momentos do recreio e das aulas de Educação Física em uma escola da rede estadual de Porto Alegre-RS.

O referencial bibliográfico destaca conhecimentos sobre a deficiência visual e sua análise histórica (Amaral, 1996; Caiado, 2003), os processos compensatórios da deficiência (Vygotsky, 1997; Sacks, 2000; Falkenbach, 2003),

o brincar da criança com deficiência visual baseado na concepção de Vygotsky (1979, 1999), porém também com a contribuição de diversos autores (Silveira et al, 2000; Silva, 2003, Hueara et al, 2006) e a inclusão do deficiente visual no ensino regular (Profeta, 2007).

É importante esclarecer que o brincar pode ser tanto atividades de jogo, como atividades de exercício. O jogo se ampara na concepção de Vygotsky (1989) que explica que somente pode haver jogo na presença do componente simbólico. O exercício é o movimento técnico que Wallon (1995) delega às atividades que não possuem presença de simbolismo. Nesse sentido a investigação se preocupa com o brincar da criança com deficiência visual, suas representações mentais ao jogar e as atividades de experimentação corporal.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa caracteriza-se como estudo de casos de cunho qualitativo. O estudo desenvolveu-se em uma escola da rede estadual de Ensino Fundamental na cidade de Porto Alegre-RS que inclui crianças com deficiência visual nas turmas regulares. A definição da escola ocorreu por apresentar um número favorável de crianças com deficiência visual matriculadas e pelo fácil acesso aos pais e professores responsáveis.

Os participantes do estudo foram: três crianças com deficiência visual, professores que ministram aulas para turmas com a presença de crianças com deficiência visual e professores de Educação Física.

Os instrumentos de coleta de informações foram: observação e entrevistas semi-estruturadas. O processo de coleta de dados foi analisado através da triangulação de informações.

Todos os participantes e/ou responsáveis receberam um termo de consentimento livre e esclarecido contendo esclarecimentos sobre os objetivos do estudo, bem como os procedimentos que foram utilizados.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética do Centro Universitário Metodista IPA.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os resultados do estudo foram divididos em quatro categorias.

Em relação à primeira categoria do estudo que relata sobre as produções simbólicas das crianças com deficiência visual foi possível compreender que os jogos mais realizados pelas crianças foram: jogar de professora, jogar de comida, jogar de bonecas e jogar de carrinhos. As crianças têm capacidades de representar papéis, criar cenas e transmitir os aspectos culturais ao redor, por exemplo, imitar seus personagens preferidos de desenho e/ou super-heróis. É importante ressaltar que o contexto social apesar de sofrer restrições na visibilidade pelas crianças participantes, também é vivenciado por elas através de outras percepções e demonstram gostar de reproduzir os conhecimentos culturais que vivenciam. Tal compreensão está relacionada às aprendizagens que são vivenciadas no coletivo. Assim como as crianças que enxergam, também as crianças com deficiência visual desempenham a aprendizagem no coletivo (VYGOTSKY, 1997).

Em relação à segunda categoria do estudo que trata sobre o brincar sensório motor, ou seja, o exercício realizado pelas crianças com deficiência visual nos momentos de Educação Física pode-se observar que as crianças sentem-se mais incluídas nas aulas quando são realizadas brincadeiras em que elas consigam acompanhar, por exemplo, atividades de simulação (colegas simulando a deficiência visual). De acordo com Marques e cols (2008) essa atividade é importante, pois a experiência permite que os colegas percebam melhor as dificuldades enfrentadas pelo deficiente e darão oportunidades para o aluno conhecer suas possibilidades e limites, favorecendo a confraternização entre eles.

Quanto à terceira categoria que se dedica às reflexões sobre a inclusão na escola e nas aulas de Educação Física pode-se destacar a insatisfação das crianças em relação às aulas, pois relatam não ter materiais e uma proposta adequada de atividades que as mesmas possam ser incluídas. Foi possível perceber nos dizeres dos professores entrevistados a fragilidade de conhecimentos e fundamentos acerca da temática da inclusão e carência na busca de novas informações. Conforme Falkenbach (2005) estudar o processo de inclusão nos discursos dos professores possibilita compreender o momento atual por que passam as escolas e suas possibilidades de inclusão, uma vez que o ato de incluir também está relacionado com a compreensão do corpo docente.

Por fim, na quarta categoria do estudo que descreve sobre as relações interpessoais e com os objetos destaca que as relações dos deficientes visuais com os colegas é livre de preconceito. Os colegas auxiliam em diversas atividades de locomoção ou mesmo em atividades em sala de aula, e os deficientes visuais sentem-se mais incluídos no grupo. Conforme Amiralian (2004), o ser humano é um ser social por natureza, ele só se constitui na presença de outro ser humano, e só se desenvolve pela interação com os outros e, como um indivíduo, essencialmente social, tem necessidade de sentir-se pertencente ao grupo. Também foi possível compreender que o objeto contribui para as relações entre as crianças, pois através deles as crianças brincam e se relacionam em diferentes contextos de brincadeira.

## **CONCLUSÕES**

Com esta pesquisa, pode constatar que a brincadeira oferece às crianças uma ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e tomadas de consciência: ações na esfera imaginativa, criação das intenções involuntárias, formação de planos da vida real, motivações intrínsecas e oportunidade de interação com o outro, que sem dúvida contribui para o seu desenvolvimento.

Este estudo, diante de toda discussão realizada com as informações coletadas, embasados no referencial teórico apresentado, demonstra que a problemática da deficiência e da inclusão não está ligada somente à escola e à falta de estrutura. Está ligada à fragilidade na compreensão dos professores, na restrição pela busca de qualificação.

O presente estudo permitiu descrever como o deficiente visual brinca e se insere em uma escola regular, contribuindo assim para o conhecimento de diversos fatores que devem ser levados em consideração no planejamento de ações voltadas para este tipo de população.

Por fim, compete ressaltar a relevância de prosseguir com a discussão e

reflexão do tema da deficiência e inclusão, como importante processo de reabilitação e inclusão.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. A. Deficiência: questões conceituais e alguns de seus desdobramentos. **Cadernos de Psicologia**, v.1 p.3–12. 1996.
- AMIRALIAN, M. L. T. M. **Sou cego ou enxergo?** As questões da baixa visão. Curitiba: Educar, UFPR, 2004.
- CAIADO, K. R. M. **O aluno deficiente visual na escola: lembranças e depoimentos.** Campinas, SP: PUC, 2003.
- FALKENBACH, A. P. **Um estudo de casos:** as relações de crianças com síndrome de Down e de crianças com deficiência auditiva na psicomotricidade relacional. 437f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) UFRGS. Porto Alegre, 2003.
- \_\_\_\_\_, **Crianças com crianças na psicomotricidade relacional.** Lajeado, RS: UNIVATES, 2005.
- HOFFMANN, S. B. **Orientação e mobilidade:** um processo de alteração positiva no desenvolvimento integral da criança portadora de cegueira congênita: um estudo intercultural entre Brasil e Portugal. 182f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) UFRGS. Porto Alegre, 1998.
- HUEARA, L. *et al*, O faz-de-conta em crianças com deficiência visual: identificando habilidades. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.12, n. 3, 2006.
- KISHIMOTO, T. M. **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Pioneira, 2002.
- MARQUES K. G. e cols. Atividades inclusivas na Educação Física escolar. **Lecturas: Educación Física y Deportes.** 2008.
- PROFETA, M. S. A inclusão do aluno com deficiência visual no ensino regular. In MASINI, E. F. S. (org). **A pessoa com deficiência visual: um livro para educadores.** São Paulo: Vetor, 2007.
- SACKS, O. **Um antropólogo em marte:** sete histórias paradoxais. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SILVA, C. C. B. **O lugar do brinquedo e do jogo nas escolas especiais de educação infantil.** 167f. Tese (Doutorado em Psicologia) USP. São Paulo, 2003.
- SILVEIRA, A. LOGUERCIO, L. SPERB, T. A brincadeira simbólica de crianças deficientes visuais pré-escolares. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.6, p.133–146, 2000.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** Lisboa: Edição Antídoto, 1979.
- \_\_\_\_\_, **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- \_\_\_\_\_, **Obras escogidas:** fundamentos de defectología. Tomo V. Madrid: Visor, 1997.
- \_\_\_\_\_, **Imaginación y creación en la edad infantil.** La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1999.
- WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1995.